

## ARTE DO GRAFITE COMO MEIO DE INCLUSÃO: A ARTE SURDA NAS OBRAS DE RALPH ODRUS

Lucilene Albertina Frazão Campos <sup>1</sup>

Cleomar Lima Pereira <sup>2</sup>

Teresa Cristina Lafontaine <sup>3</sup>

### RESUMO

Este trabalho discute a arte como objeto de inclusão social, em especial a arte do grafite, representada nas obras do artista surdo Raph Odrus. A partir do trabalho de Ralph Odrus é possível promover uma profunda reflexão sobre o papel da arte no contexto da diversidade humana, cultural e urbana, presente no nosso dia a dia, bem como discutir sua importância para a transformação dos indivíduos. As obras do artista destacam a representatividade e as contribuições da comunidade surda para o movimento artístico e cultural do país, evidenciando seus desafios e os impactos para a inclusão social. Para a reflexão que o trabalho se propõe, discute-se categorias como a arte urbana, arte do grafite, arte e cultura surda e os aspectos linguísticos que envolvem o processo criativo dos surdos. A análise qualitativa foi a abordagem adotada para o alcance do objetivo, sob uma perspectiva exploratória e descritiva dos dados coletados por meio de entrevista com Ralph Odrus, informações literárias sobre a sua biografia e suas redes sociais. Como resultado do estudo, constatou-se que ainda há uma invisibilidade das produções artísticas dos surdos nos espaços públicos. Conclui-se que o movimento promovido por Raph Odrus e suas obras permitirá que vários artistas surdos sejam provocados e vistos pela sociedade e que novas percepções acerca da pessoa surda sejam construídas. Ressalta-se que é preciso implementar e fortalecer políticas públicas voltadas para o desenvolvimento da arte visual, sobretudo políticas que promovam a inclusão de todos os indivíduos.

**Palavras-chave:** Grafite, Arte Surda, Representatividade, Inclusão Social.

### INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda a arte surda por meio das obras de Raph Odrus, como forma de identidade e representatividade desta comunidade. A pesquisa aborda a cultura surda, que segundo Strobel (2008) compreende a maneira que a pessoa surda se comporta e percebe a sociedade e a si próprio no mundo, o que inclui seus hábitos, tradições, arte, língua, percepções, convicções, cultura e outros (Strobel, 2008).

---

<sup>1</sup> Graduada pelo Curso de Licenciatura em Artes Visuais do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Maranhão – IFMA, [coautor1@email.com](mailto:coautor1@email.com);

<sup>2</sup> Professora Ma. do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Maranhão – IFMA, [cleomar.lima@ifma.edu.br](mailto:cleomar.lima@ifma.edu.br);

<sup>3</sup> Professora Ma. do Departamento de Letras da Universidade Federal do Maranhão - UFMA [teresa.lafontaine@ufma.br](mailto:teresa.lafontaine@ufma.br);

A pessoa surda, muitas vezes, é vista como alguém incapaz pela sociedade, entretanto, são capazes de fazer o que desejarem, mas para tanto se faz necessário que haja possibilidades eficazes para que sua inclusão nos espaços de convívio social ocorra de forma natural.

Para Macedo; Silva e Alves (2021) os caminhos que levam uma pessoa surda a se envolver com a arte estão intimamente ligados com a ideia de demonstrar “o significado do ser surdo.” (Macedo; Silva; Alves, 2021, p. 25). A pessoa surda tem a visão como sua maior forma de interação com o mundo, podendo utilizar as artes visuais e as diversas linguagens para produzir sua arte e ser agente de reflexão, crítica, denúncia e apreciação, e assim, criar narrativas que expressam a sua identidade e sua cultura. Segundo Macedo; Silva; Alves (2021) “os surdos tendem a se expressar através da arte desde que estes sejam apresentados aos estudos artísticos, até porque o surdo tem como foco o campo visual, o que torna a expressão artística algo que possa complementá-los” (Macedo; Silva; Alves, 2021, p. 4).

O universo das artes visuais propõe a criação de novas realidades, quer sejam concretas ou abstratas, proporcionam mudanças, novas reflexões que são de fundamental importância para a identidade surda. Se adequa a mecanismos capazes de elucidar a subjetividade do surdo, caracteres próprios de sua cultura, representando suas experiências e seus anseios por meio da experiência visual.

O artista visual surdo que resolveu expressar-se artisticamente por meio do grafite é Rafael Caldeira dos Santos, conhecido artisticamente como Raph Odrus (surdo de trás para frente). As produções artísticas do primeiro grafiteiro surdo do Brasil, Raph Odrus, estão abrindo caminhos para a inclusão por meio das artes visuais.

Esta referência artística nos instigou a discutir sobre as contribuições das obras do artista Raph Odrus para a inclusão social e para o fortalecimento da identidade e representatividade surda. Para o alcance do referido propósito buscamos explicar os conceitos presentes na cultura surda e relacionar a arte do grafite do artista Raph Odrus como meio de inclusão

## **METODOLOGIA**

O estudo de abordagem qualitativa, se caracterizou quanto aos seus objetivos como uma pesquisa exploratória e descritiva, que de acordo com Gil (2008), proporciona maior familiaridade com o problema. Os procedimentos metodológicos adotados

iniciaram com pesquisa bibliográfica em livros, artigos e periódicos, impressos e eletrônicos, onde foram feitos os fichamentos, que tem a função de “transcrever os dados nas fichas bibliográficas, com o máximo de exatidão e cuidado.” (Marconi; Lakatos, 2011, p. 61), facilitando a construção do texto. Foi realizada entrevista com o artista Raph Odrus, para obter informações sobre sua vida e sobre o grafite.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

A Cultura Surda pode ser entendida a partir das experiências visuais vivenciadas pelos indivíduos surdos por meio de sua língua que contribuem para a demarcação de uma identidade surda (Strobel, 2009). Nessa perspectiva, entende-se cultura surda como um agrupamento de práticas daqueles que percebem o mundo de maneira diferenciada da sociedade, majoritariamente, ouvinte (Brabosa; Clarice, 2019).

Dentro da cultura Surda, encontra-se a arte surda ou produções artísticas surdas que abordam as vivências, a língua, a história, o cotidiano, as experiências e a identidade surda. Para Nakagawa (2018) a definição de arte surda “é dada a partir dos elementos que compõem a obra e não pela condição física/sensorial de seu autor, o que em muito contribui para minar o gesto paternalista que comumente ronda o fazer artístico de pessoas com deficiência” (Nakagawa, 2018, p. 119).

Francisco José de Goya (1746-1828) conhecido como Goya, foi um dos maiores mestres da pintura Espanhola. Foi na surdez que Goya perdeu sua vivacidade, seu dinamismo, sua autoconfiança, porém encontrou uma nova dimensão espiritual e artística. Em 1762, foi para Madri e tentou, sem sucesso, obter uma bolsa da Real Academia de Belas Artes de São Francisco, então, tentou ganhar a vida lutando com os touros na arena de Madri. Participou de um concurso da Academia de Belas Artes de Parma e obteve destaque por suas “boas qualidades técnicas e principalmente pelo calor da expressão. Recebeu menção honrosa dos examinadores e a partir dessa época produziu vários trabalhos.

Figura 1 - Los fusilamientos del tres del mayo – Obra de Goya



Fonte: Culturaeviagem.com

Comprendemos que o fazer e o que é retratado é muito mais significativo do que a condição de quem está realizando a arte surda, e cuja manifestação serve para revelar a história, luta, identidade, desejos e outros da cultura surda por meio da visualidade, materialidade, passando a ser o artefato que ampliam sua comunicação (Macedo; Silva; Alves, 2021).

A arte surda, evidenciada no século XXI por meio de aparatos tecnológicos, permite que muitos estigmas construídos em torno da surdez possam ser repensados e tenham novas significações (Nakagawa, 2012). Essa perspectiva cultural faz com que o sujeito surdo se perceba não como deficiente, mas como um sujeito cultural (Perlin, 2007). Por meio da língua de sinais, as expressões surdas são compartilhadas por aqueles que empregam a língua de sinais como forma de comunicação, por isso relata as crenças, comportamento, literatura, tradições, história, arte e valores.

A cultura surda envolve diversos elementos culturais que viabilizam a comunicação e vivência das pessoas inseridas nesse grupo social. E a mesma "[...] evidencia um olhar que se constrói sobre a surdez a partir da diferença linguística e cultural e não a partir da falta da audição" (Bisol; Valentini, 2011). Logo, os elementos que caracterizam a cultura surda, também denominados de artefatos culturais, segundo Strobel (2008) são: experiência visual, linguístico, familiar, literatura surda, vida social e esportiva, artes visuais e materiais (Strobel, 2008).

A experiência visual é o principal artefato da cultura surda, por meio da visão as pessoas surdas compreendem e interagem com mundo em suas múltiplas dimensões, permitindo-os a abstração e construção de conhecimentos de forma fluida. A experiência visual é vivida não apenas pelos olhos, mas pelo corpo, pelo tato e por todas as formas de expressão que o permita significar o mundo, suas experiências de vida, fazendo com que este se desenvolva e cresça. Como reforça Gesser (2009) a cultura surda “é visual, ela transpõe-se de maneira visual” (Gesser, 2009, p. 54).

Registra-se que as primeiras produções visuais realizadas em língua de sinais ocorreram na Universidade Gallaudet, destinada para universitários surdos nos Estados Unidos. Entretanto, como descreve Moura (2011), muitas produções não foram registradas visto que não havia tecnologia para esse fim. Foi a partir da evolução das tecnologias, que as universidades conseguiram documentar visualmente as produções e propagá-las (Moura, 2011)

Por meio da tecnologia, filmes, curta-metragem, documentários, e vídeos caseiros que definem o tema surdez vêm crescendo e muitos são disponibilizados pela internet ou no espaço de exibição. O Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES é o maior produtor das produções surdas.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O reconhecimento da importância da arte na formação dos indivíduos promoveu diferentes estudos, onde destacamos a Arte-Educação no Brasil (Pereira, 2013). O fazer artístico é eixo da produção, onde estão envolvidos os aspectos da criação artística.

O sujeito mobiliza conhecimentos tanto conceituais quanto procedimentais inventando tecnologias, adaptando materiais, articulando ideias. Pereira afirma (2018) que a apreciação está organizada diante de aspectos que lidam com as interações entre o sujeito e os artefatos da arte onde estão entrelaçados os aspectos simbólicos da produção artística e a pessoa que dialoga com artefato, atribuindo a ele um determinado significado.

Nesse processo de interação, a arte urbana emerge como uma arte pública, entendida como arte de rua, ou seja, a arte que desenvolve várias manifestações artísticas, tais como grafites, pinturas, intervenções, e participação inserida dentro do espaço público.

A produção artística urbana tem um dialeto mais comum e inclusivo visto que consegue chegar a uma camada da sociedade que, muitas vezes, não acessam outros espaços artísticos como o teatro e o museu. Para Lara (1996):

Os espaços urbanos, aparentam como uma ilha de liberdade, o que é aceito em alguns lugares, não é consentido e outros. Além de tudo, a questão pode ser também abordada por outro ângulo. Com efeito, a arte oficial das galerias dos museus não pode acompanhar a mudança que se deu na propaganda, no cinema e na televisão. Dispersa numa forma estilística e submetida por uma arte conceitual e decadente que adquire tons enferrujados e pretos, a maiorias dos artistas plásticos, (adicionando os abstracionismos) passa a ampliar as ideias trazidas pela agressividade do caminho (Lara, 1996, p.63).

O grafite é uma forma de arte urbana que é representada por obras de arte com diversas cores que expõem conteúdos aptos de entusiasmar interesse de quem as aprecia, ao mesmo tempo em que incentiva o raciocínio. As apresentações artísticas acontecem em espaço público, em paredes e muros das cidades, as obras de arte tem um papel fundamental, de mostrar uma visão ou ideia sobre um definido tema de expressão social, cultural e político. Gitahy (2012) explicita que:

A compreensão do uso da palavra grafia amparada- quer dizer Graffiti - vem do Italiano, inscrição ou desenho da época e antiguidade, de maneira rude, primitiva, fazia riscos a ponta ou carvão nas paredes ou rochas etc. Portanto, o Graffiti vem ser o plural de Graffiti, no singular, é empregado para representar a técnica com fragmentos de pintura no muro escuro e claro. Pois no plural refere-se aos desenhos (Gitahy, 2012, p.13).

Schmid (2012) afirma que a primeira escritura do grafite foi no período pré-histórico quando as pinturas rupestres foram feitas nas paredes das cavernas, com intento de se comunicar. Os assuntos presentes nestas pinturas eram de caráter religioso, político, social e cultural.

O grafite é uma arte que sempre está disponível ao público, e está integrado no dia a dia social, além do mais, ele é eficaz para conciliar assuntos artísticos e poéticos, dentro de um âmbito contemporâneo, por meio da arte feita em muros e paredes. Furtado (2012) diz que o grafite é um aprendizado social, histórico, criativo, e auto criativo e livre através do qual o homem modifica a si e seu mundo. O grafite é “uma expressão que inspira, impele, facilita a comunicação com a comunidade, bem como, nas instituições ou ao redor” (Henckemaier, 2016, p.150).

Podemos utilizar o grafite no ambiente escolar como parte de inclusão. A própria história do grafite gira em torno da transformação. Com a expressão artística, a violência passou a ser superada pela criatividade.

O grafiteiro Rafael Caldeira dos Santos, conhecido por Raph Odrus, nasceu em Brasília, em 16 de novembro de 1982, filho de Zenólia Caldeira (Zinha) e desde o seu nascimento adquiriu surdez profunda. Raph Odrus é um artista grafiteiro que se dedicou a fazer pinturas nos muros da cidade do Distrito Federal – DF, levando visibilidade a cidade por meio da arte visual.

Com tantas dificuldades em manter a comunicação, Odrus relata que muitas vezes a surdez era associada a deficiência “fui perseguido em todas as escolas que frequentei, penso que as pessoas não compreendem de verdade o que é a surdez, logo acham que é uma deficiência mental. Tive que aprender a me proteger,” diz o grafiteiro Odrus. A

pesar de toda a dificuldade enfrentada, inclusive com envolvimento em crimes que o levou a ser internado em unidades socioeducativas, Raph Odrus seguiu em frente tentando ser o melhor que podia, mas foi na arte que descobriu a motivação para sua existência. De acordo com os relatos de Odrus, foi aos 16 anos de idade que sua vida mudou, inicialmente com a inserção no Break, um estilo de dança de rua que faz parte da cultura hip-hop, e depois com a sua imersão no grafite.

A participação em projetos de inclusão social para pessoas com deficiência, proporcionou a Raph Odrus o conhecimento do grafite e por meio dele suas primeiras ações de intervenção urbana e o seu empoderamento cultural. O envolvimento e a dedicação com o grafite retratam a possibilidade de inclusão social da pessoa surda por meio das artes visuais.

O grafiteiro Rafael que emprega sua arte para deixar seu registro como pessoa surda, já participou de exposições como MundeZ no Museu Nacional de Brasília e no Espaço Cultural Contemporâneo, conhecido como ECCO. Além de convites para participar de eventos internacionais de grafite em países como a França, a África do Sul, os Estados Unidos e o Canadá, conforme destaca Raph Odrus.

De acordo com Strobel (2008) “o artista surdo cria a arte para que o mundo saiba o que pensa, para divulgar as crenças do povo surdo, para explorar novas formas de “olhar” e interpretar a cultura surda” (STROBEL, 2008, p. 66). O artista demonstra que ser surdo não torna a pessoa incapaz. E que apesar de todas as dificuldades enfrentadas ao longo de sua vida, é perceptível o poder transformador, de valor, autoestima, acolhedor e inclusivo que a Arte e o grafite possuem.

A biografia de Raph Odrus e suas produções artísticas têm grande relevância para o fortalecimento da identidade e a representatividade surda e revelam, ainda, a necessidade de mais espaços para a participação de pessoas surdas em locais culturais e

artísticos. Raph Odrus atua ativamente em projetos sociais e o artista faz questão de seguir destacando o lado social do seu trabalho, para que pessoas negras da periferia e da comunidade surda sejam respeitadas e reconhecidas.

Cabe destacar que seu próprio nome artístico “Odrus” (surdo de trás para frente) já faz referência a representatividade que deseja carregar em seus trabalhos, evidenciando, ou mesmo gritando, por todos os espaços urbanos o poder da arte que leva às pessoas, no caso o grafite, e o quanto é possível tirar da invisibilidade muitos indivíduos. Isso é inclusão.

Figura 2: Produções de Raph Odrus1



Fonte: Galeria do Artista (@odrusone)

Figura 3: Produções de Raph Odrus2



Fonte: Galeria do Artista (@odrusone)

Figura 4: Produções de Raph Odrus3



Fonte: Galeria do Artista (@odrusone)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As produções artísticas permitem o alcance tanto das pessoas surdas como dos ouvintes, além de contribuir para a autoestima e efetivação dos direitos de todos os envolvidos. A inclusão de pessoas com deficiências no cenário cultural e artístico promove o protagonismo dessa população.

Na atual sociedade estamos inseridos em vários espaços que fazem parte do nosso ciclo de convivência e em cada um deles temos acesso a todo tipo de informação que se faz disponível em diferentes suportes, meios e linguagens. As relações de interação, a evolução das tecnologias aproxima e permite ações e objetivos voltados para um coletivo consciente e mais inclusivo.

A inserção do grafite em programas sociais expande o desenvolvimento das artes plásticas como mecanismo de inclusão. As expressões artísticas advindas dessa arte da rua seguem evoluindo e transformando a vida de muitos jovens que querem expressar sua forma de ver o mundo. E muitos deles foram mais longe, pois deram um novo sentido a

própria existência como é o caso do artista Grafiteiro visual Rafael Caldeira dos Santos, conhecido no Grafite com Raph Odrus.

A arte oferece possibilidades de conhecer diversos pontos de vista e seu diferencial nas relações humanas, dessa forma observamos tamanho impacto e empoderamento que pode trazer na vida das pessoas.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Leandra Miriam. **Ensino de arte na escola e a arte urbana: diálogos e valores para a construção da identidade cultural juvenil** / Leandra Miriam Barbosa; orientador, José Rogério de Oliveira; coorientadora, Mônica Mitchell de Moraes Braga – Cidade de Goiás, 2018.

BISOL, C. A; VALENTINI, C. B. **Cultura Surda. Projeto Incluir** – UCS/FAPERGS, 2011. Disponível em: <https://proincluir.org/surdez/cultura-surda/16-9-2021>. Acesso em: 16 set. 2021

COSTA, Luzian. P. **Grafite e pichação: institucionalização e transgressão na cena contemporânea**. In: Encontro de história da arte, 3., 2007, Campinas. Anais eletrônicos. Campinas: UNICAMP. Disponível em: <http://www.unicamp.br/chaa/eha/atas/2007/COSTA,%20Luizan%20Pinheiro%20da.pdf>. Acessado em: 21 mar. 2016.

COELHO, Valdete Pires Ribeiro; PICOLLI, Maria. O grafite como forma de socialização no meio escolar. In: **Caderno Intersaberes** - v. 8, n. 13 – 2019.

FURTADO, Janaina Rocha. Tribos urbanas: os processos coletivos de criação no grafite. In: **Psicologia e Sociedade**. Abr. 2012, vol.24, no.1, p.217-226.

GESSER, A. **Libras? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da Língua de Sinais e da realidade de surda**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GITAHY, Celso. **O que é Graffiti?** São Paulo: Brasiliense, 2012.

HENCKEMAIER, Luciane Izabel Ferreira. Educação pela arte do grafite em uma escola pública: uma proposta de participação. In: **Educação, Artes e Inclusão**. V.12, n. 2, p.141-157, 2016. 48

LARA, A. H. **Grafite: arte urbana em movimento**. Programa de Pós-graduação em artes visuais/Universidade de São Paulo, Dissertação de mestrado, 1996. LAZZARIN, Fernando Luís. Grafite e o ensino da arte. In: **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 31, n. 1, p. 1-122, jan./jun. 2007.

MACEDO, Yuri Miguel; SILVA, Renan Antônio da; ARAÚJO ALVES, Felipe Freitas de. **A arte na cultura surda**. In: **Revista Educação, Artes e Inclusão**, v. 17, p. 01-27, 2021.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa:** planejamento e execução de pesquisas, amostragens técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. – 7. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MOURA, Maria Cecília de; LODI, Ana Cláudia; HARRISON, kathryn. História e educação: O surdo, a oralidade e o uso de sinais. In: LOPES FILHOP, Otacílio (org.). **Tratado de fonoaudiologia.** São Paulo: Roca, 1997.

NAKAGAWA, Hugo Eiji Ibanhes. **Culturas surdas:** o que se vê, o que se ouve. Dissertação de Mestrado em Cultura e Comunicação. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL) e a Universidade de Lisboa (UL), 2012. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/12428313.pdf>. Acesso em: 21 set. 2021.

NUNES, Sylvia da Silveira et al. **Surdez e educação:** escolas inclusivas e/ou bilíngue? In: Rev. Psicol. Escolar. Maringá, v.19, n.3, p.537-545, dez. 2015.

SILVA, Rodrigo Lages e. Escutando a adolescência nas grandes cidades através do grafite. In: **Psicol. Cienc. prof.**, dez 2004, vol.24, no.4.

SILVEIRA, Tatiana dos Santos da. Metodologia do ensino da arte. Indaial, Grupo UNIASSELVI, 2010 ODRUS, Raph. Arte e Cultura Surda. In: **Revista Espaço**, n. 44, 2015. Disponível em: <https://www.ines.gov.br/seer/index.php/revista-espaco/article/view/81/67>. Acesso em: 21/09/2021.

OLIVEIRA, Eliane dos Santos de; CORRÊA, Vanisse Simone Alves. **O ensino de artes:** a abordagem triangular de Ana Mae Barbosa. Disponível em: <https://revistacontemporartes.com.br/2018/12/14/ensino-de-artes-a-abordagem-triangularde-ana-mae-barbosa/>. Acesso em: 21/09/2021. Q

UADROS, R. M; PERLIN, Gladis. Prefácio. In: **Estudos Surdos II.** Petrópolis, RJ: Editora Arara Azul, 2007, p. 9-17.

PERLIN, G. T. O lugar da cultura surda. In: THOMA, A. S.; LOPES, M.C. (Orgs.). **A invenção da surdez:** cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação. Santa Cruz do Sul: Edunisch, 2004, p. 73-82.

REICHERT. A; PERLIN. G. **Fundamentos da educação de surdos.** Editora da UFSC: Florianópolis, 2014.